

A circular graphic with a teal background. Inside the circle, several hands of different skin tones are raised, and below them are several books of different colors (purple, green, brown, blue, orange).

CONSERVAÇÃO COM PARTICIPação

CARLA MORSELLO

OBJETIVO

Entender, de forma crítica, como e quando diferentes formas de participação passaram a ser entendidas como uma forma de intervenção ou gestão da conservação.



PLANO DE AULA

- HISTÓRICO DA INCORPORAÇÃO DA NOÇÃO DE PARTICIPAÇÃO
- DIFERENTES CONCEITOS DE PARTICIPAÇÃO
- O QUE DETERMINA O SUCESSO?
- CRÍTICAS À PANACEIA DA PARTICIPAÇÃO



An illustration of five hands raised in a gesture of participation or agreement. Each hand is emerging from a different colored sleeve: purple, green, dark grey, blue, and brown. The hands are set against a teal background.

HISTÓRICO DE SURGIMENTO DO TEMA

DE ONDE VEM A IDEIA
DE PARTICIPAÇÃO EM
CONSERVAÇÃO?

LINHA DO TEMPO



1872-
YELLOWSTONE

Conservação fortaleza

1960

Crise ambiental global e movimento para criação de áreas protegidas

1970-1980

Participação no Desenvolvimento associada à democratização global

Crítica às APs como fortalezas: ineficazes e causam impactos negativos nos mais pobres

1980-1990

Promoção de CBNRM, CAMPFIRE

Congresso de Parques de Bali: bem-estar de comunidades como objetivo

Argumentos éticos para mudanças nas APs

1999

Terborgh publica Requiem for Nature: reação da "Square Wheel"

2000....

Congresso Parques na África do Sul, Millennium Assessment: IPBES: reiteram importância do duplo objetivo de conservação e qualidade de vida



O DESCRÉDITO DA CONSERVAÇÃO EM FORTALEZA

- Yellowstone e os parques vazios como “ilhas”
- Final dos 1980-1990: reação às áreas protegidas como fortalezas sob controle estatal que excluem as pessoas: impactos negativos nas pessoas e ineficazes
- Busca de benefícios locais
- Nova panaceia da participação local na gestão dos recursos comuns e das áreas protegidas
- Processos participativos tornaram-se um dos principais mecanismos para delinear, implementar e gerir estratégias de desenvolvimento a partir do final dos 1980 (últimos 40 anos) e, especialmente, 1990s

PARTICIPAÇÃO NA ÁREA DE DESENVOLVIMENTO É A ORIGEM INICIAL

(Cornwall, 2002)



Participação na mira das agências de desenvolvimento (e.g., Banco Mundial, UN, agências países nórdicos e UK - DFID) na metade dos anos 1970

Equivale ao compartilhamento de benefícios com os pobres, além de maior eficiência (menor custo) e eficácia das ações de desenvolvimento

Ampla expansão e multiplicação de instituições nos anos 1980: "democracia torna-se burocracia"

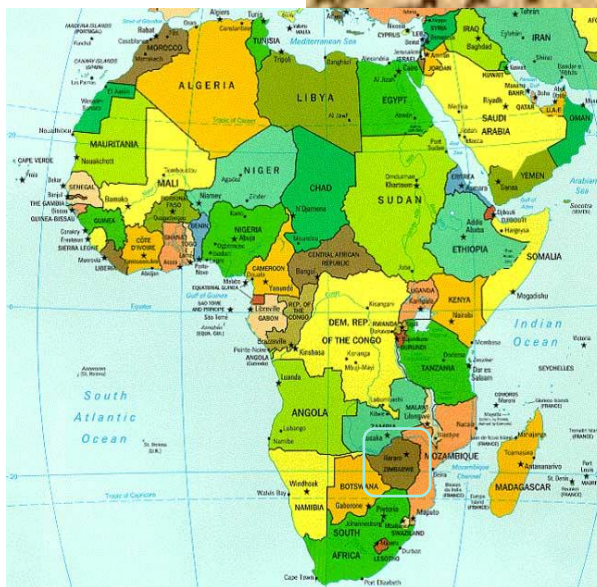
Anos 1990: aumento das doações à "sociedade civil". ONGs tornam-se as "queridinhas" das agências de desenvolvimento (mais atribuições)

Popularização de métodos e estratégias para promover a participação (RRA, PRA etc).

O PROJETO CAMPFIRE NO ZIMBABWE

COMMUNAL AREAS MANAGEMENT

PROGRAM FOR INDIGENOUS
RESOURCES





CAMPFIRE É EXEMPLO DE CONSERVAÇÃO BASEADA EM COMUNIDADES

AQUELA QUE REALIZA A GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS OU A PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE POR, PARA E COM A COMUNIDADE LOCAL (WESTERN E WRIGHT, 1994)

CAMPFIRE: O NASCIMENTO DO CBNRM

- Projeto em 1989 para mudar gestão de recursos naturais em áreas comunais nos entornos de áreas protegidas
- Havia conflitos de APs com caça: sem incentivos para conservar (sem direitos)
- Devolver direitos de gestão de recursos às comunidades, podendo:
 - compartilhar renda do turismo e da caça esportiva (troféus)
 - Estabelecer quotas de caça e emitir licenças de caça
- Apoio de ONGs, governo, organizações internacionais
- Sucesso inicial: conservação e benefícios locais
- Problemas depois: corrupção, distribuição desigual de benefícios



CAMPFIRE LANÇOU COMMUNITY-BASED NATURAL RESOURCE MANAGEMENT (CBNRM) OU COMMUNITY-BASED CONSERVATION (CBC)

Abordagem para manejar e conservar recursos naturais que envolve comunidades no processo de tomada de decisão sobre os recursos

Reconhece papel vital das comunidades em cuidar de seus recursos

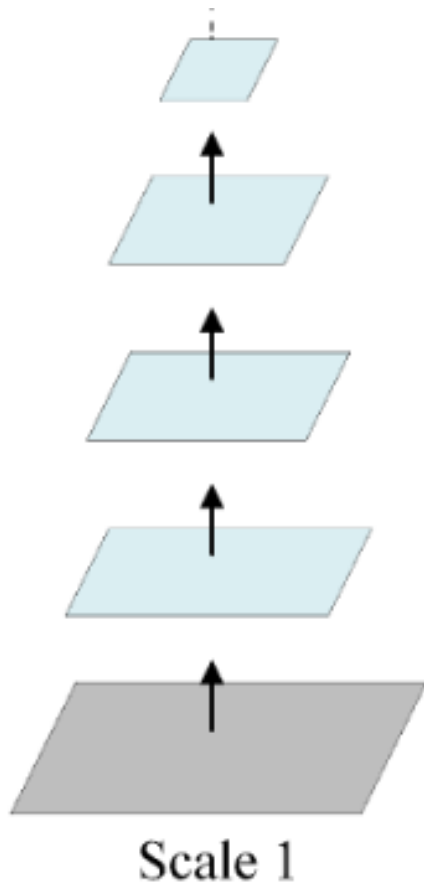
Busca empoderar comunidades

CBNRM envolve processo colaborativo e participativo

Nasceu da crítica a modelos *top-down* e que excluía comunidades. → busca de maior inclusão

1980 World Conservation Strategy e a Rio 1992 foram fundamentais para popularizar a ideia

MUDANÇA DE FOCO NA ESCALA₃



- Da escala internacional ou nacional para aquela “da, para e com” as comunidades locais
- A partir dos anos 1960, problemas se tornam ao mesmo tempo mais internacionais e mais locais
 - Internacionais: pressão externa para criação de APs
 - Reação local relativa aos abusos observados em APs (África)
- Maior ênfase no local (porém, criticada por Berkes)

QUATRO RAZÕES PRINCIPAIS PARA A POPULARIZAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO

- 1 Fracasso de abordagens de cima para baixo (*top-down*)
- 2 Redução na estrutura dos Estados de segurança social (liberalismo)
- 3 Redução na estrutura dos Estados de segurança social (liberalismo)
- 4 Contrapor abusos sobre populações

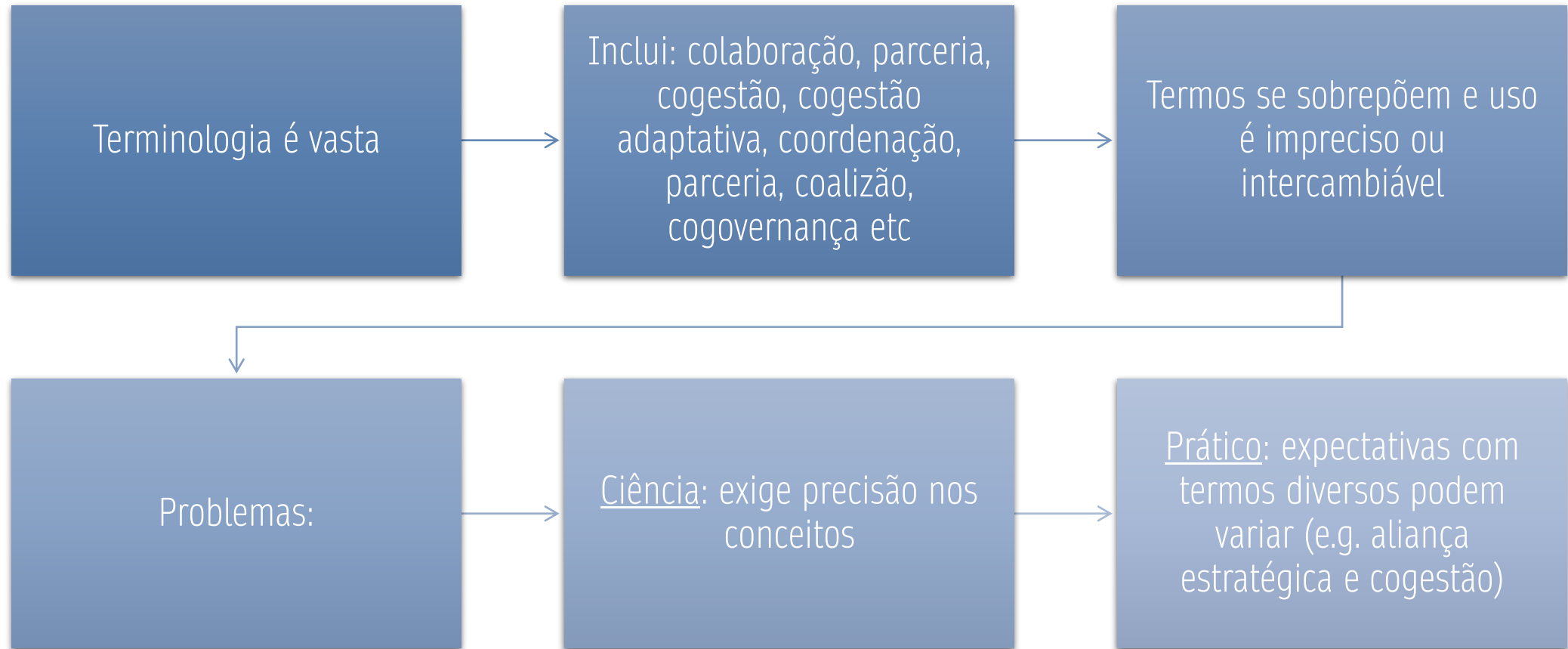
(FONTE: (MATARRITA-CASCANTE; SENE-HARPER;
RUYLE, 2019; WEST; IGOE; BROCKINGTON, 2006)



MAS O QUE É PARTICIPAÇÃO

DIFERENTES CONCEITOS

PARTICIPAÇÃO=TRABALHANDO JUNTOS



PARTICIPAÇÃO

- Termo mais usado, mas com conotações diferentes.
- Em geral refere-se: envolvimento de indivíduos ou grupos nos processos decisórios relacionados à gestão dos recursos naturais.
- Enfatiza a inclusão de diversas partes interessadas, como comunidades locais, povos indígenas, agências governamentais, ONGs e outras partes relevantes.
- Visa dar voz a esses atores no processo de tomada de decisão, capacitando-os a contribuir com seus conhecimentos, perspectivas e preferências.
- Reconhece que aqueles que são diretamente afetados pelas decisões de gestão de recursos naturais devem ter a oportunidade de influenciá-la.

ENGAJAMENTO: MAIS GERAL

- Conceito mais amplo que engloba a participação, mas vai além dela e de outros termos.
- Refere-se ao envolvimento ativo e contínuo das partes interessadas em todo o processo de gestão dos recursos naturais, desde o planejamento até a implementação e o monitoramento.
- Enfatiza a construção de relacionamentos, o fomento ao diálogo e a manutenção de uma comunicação contínua com as partes interessadas.
- Reconhece que a participação não é um evento único, mas um esforço sustentado para envolver as partes interessadas durante todo o ciclo de vida de um projeto de gerenciamento de recursos naturais.
- Para isso: estabelecer parcerias colaborativas entre atores garantindo que suas perspectivas sejam consideradas em todas as etapas
- O envolvimento das partes interessadas pode envolver o trabalho conjunto na resolução de problemas, no desenvolvimento de capacidades e na tomada de decisões conjuntas, o que leva a uma maior apropriação e compromisso com os resultados.

(Plummer et al., sem data)

OUTROS TERMOS

Parcerias

- Pouco acordo sobre o que significa
- Iniciativa com mais de uma entidade/atores
- objetivos mutuamente acordados
- divisão racional do trabalho

Colaboração

- Múltiplas entidades
- Interesse compartilhado e junção de recursos para a solução de problemas
- Assume uma perspectiva interativa e enfatiza o processo multiator
- Processo em que as partes enxergam diferentes aspectos de um problema e exploram construtivamente suas diferenças para buscar soluções

Comanejo

- Compartilhamento de poder e responsabilidade entre o governo e os usuários de recursos locais" (Berkes et al., 1991, p. 12).
- Processo contínuo de solução de problemas envolvendo ampla deliberação, negociação e aprendizagem conjunta (Carlsson e Berkes; 2005, p. 65)
- Ajuda a refletir a complexidade, variabilidade e natureza dinâmica dos sistemas de governança.

(Plummer et al., sem data)

An illustration of five hands raised in a gesture of participation or agreement. The hands are light-skinned and are emerging from business suit sleeves in various colors: purple, green, grey, blue, and brown. Each sleeve has three white buttons visible. The background is a solid teal color.

TIPOLOGIAS OU NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO

DIFERENTES NÍVEIS DE ENGAJAMENTO NA TOMADA DE DECISÃO

Inform	Consult	Involve	Collaborate	Empower
To provide the public with balanced and objective information to assist them in understanding the problem, alternatives, opportunities and/or solutions.	To obtain public feedback on analysis, alternatives and/or decisions	To work directly with the public throughout the process to ensure that public concerns and aspirations are consistently understood and considered.	To partner with the public in each aspect of the decision including the development of alternatives and the identification of the preferred solution.	To place final decision making in the hands of the public.

Low-level

High-level



Adapted from IAP2, 2014

TIPOS DE PARTICIPAÇÃO: JULES PRETTY (1995)

1. Participação manipulativa

- Presença de representantes em comissões oficiais, mas não eleitos e sem poder

2. Participação passiva

- Pessoas informadas das decisões que ocorreram (informações unilaterais de gestores). Não leva em conta opiniões locais.

3. Participação por consulta

- Consulta as pessoas, mas problemas e informações sob controle externo. Gestores não são obrigados a levar em conta consultas.

4. Participação por incentivos materiais

- Pessoas participam com seu trabalho e recursos em troca de bens materiais (alimentos, outros). Não leva a melhoria ou aprendizagem.

5. Participação funcional

- Atores externos buscam participação para atingir objetivos (e.g. reduzir custos). Locais se reúnem em grupos para cumprir determinados objetivos. Em geral, decisões são compartilhadas, mas tendem a surgir depois que decisões importantes foram tomada externamente.

6. Participação interativa

- Pessoas participam de análise conjunta, desenvolvimento de planos de ação e formação ou fortalecimento de instituições locais. Participação como direito e não somente para atingir. Em geral, utilizam-se métodos para estruturar o processo de participação e para aprender com ele.

7. Automobilização

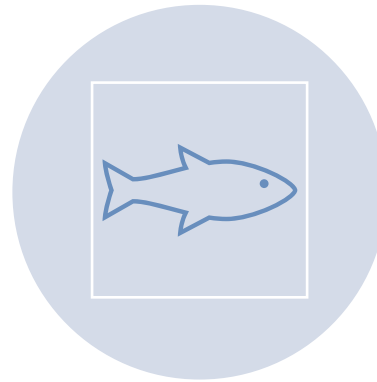
- Pessoas tomam decisões independentes e organizações externas, que são contactadas para conseguir recursos e auxílio técnico sem repassar controle. Pode ocorrer se houver formas de fomentar por governos ou ONGs Podem levar ou não à distribuição mais equitativa de riqueza e poder local.

ONDE PARTICIPAR?

Várias formas: audiências públicas, consultas, oficinas, grupos focais e processos de planejamento participativo. Muitas vezes, envolve fornecer informações às partes interessadas, buscar sua contribuição e considerar seu feedback na tomada de decisões. O objetivo da participação é criar processos mais inclusivos e democráticos que resultem em decisões mais informadas e mais legítimas.



ÁREA PROTEGIDAS: CRIAÇÃO E
GESTÃO



GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS
(AGRAWAL E OSTROM)



COLETA DE DADOS PARA
AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO

COMO PARTICIPAR?

—
O PROCESSO É IMPORTANTE!



PROCESSOS DELIBERATIVOS

ESSENCIAIS PARA QUE HAJA
PARTICIPAÇÃO

ENGAJAMENTO SISTEMÁTICO EM
PROCESSOS DELIBERATIVOS
SISTEMÁTICOS

TAMBÉM COMPARTILHAMENTO DE VISÕES
DIVERSAS SOBRE OBJETIVOS, RELAÇÕES
COM A NATUREZA



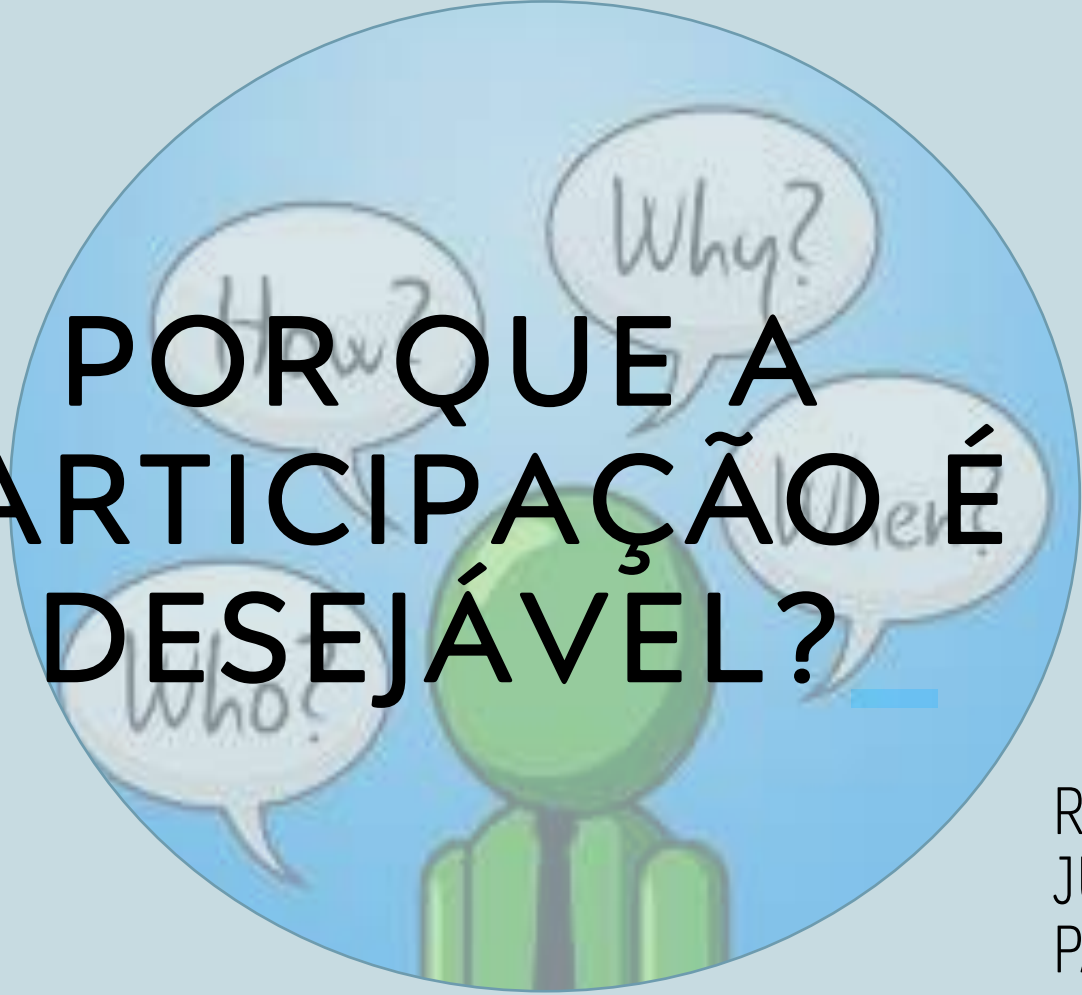
(Berkes, 2007)



RAPID RURAL APPRAISAL (RRA) E PARTICIPATORY RURAL APPRAISAL (PRA)

- Roberto Chambers: *Putting the last first* (2014)
- Procedimentos para levantar informações (RRA) de maneira inclusiva que reduz diferença
- Para levantar informações e promover a participação em projetos
- Exemplo: Mapeamento participativo, *wealth ranking*

(Chambers, 2014)



POR QUE A PARTICIPAÇÃO É DESEJÁVEL?

RAZÕES/
JUSTIFICATIVAS PARA A
PARTICIPAÇÃO

PORQUE É UM DIREITO FUNDAMENTAL

- Funciona como um passo induzir mobilização para a ação coletiva e, como consequência
 - Maior empoderamento, especialmente dos mais pobres e desvantajados
 - Desenvolvimento das instituições locais.
 - Maior capacitação local, transferível para outras situações e ações



(Fonte: Pretty, 1995)



PORQUE TORNA A GESTÃO DOS RECURSOS MAIS EFICIENTE (MENOR CUSTO) E EFICAZ (MELHOR RESULTADO)

Pessoas estarão mais predispostas a se envolver na atividade.

- Maior sucesso das iniciativas de desenvolvimento (anos 1990)
- Maior coesão local
- Maior transparência e *accountability*
- Maiores chances de o recurso ser bem manejado, embora não seja uma panaceia; não funciona sempre ou em qualquer condição (há condições críticas para tal)

(Fonte: Berkes, 2007; Pretty, 1995)

POR QUE PERMITE LIDAR COM OBJETIVOS MÚLTIPLOS

Lidar com conservação da biodiversidade requer desenvolver capacidade de lidar com objetivos múltiplos por meio de processos de deliberação conjunta.



CONSERVAÇÃO DA
BIODIVERSIDADE É UM
PROBLEMA DE GESTÃO DE
RECURSOS COMUNS.
COGESTÃO EXIGE
PARTICIPAÇÃO,
COLABORAÇÃO, ETC



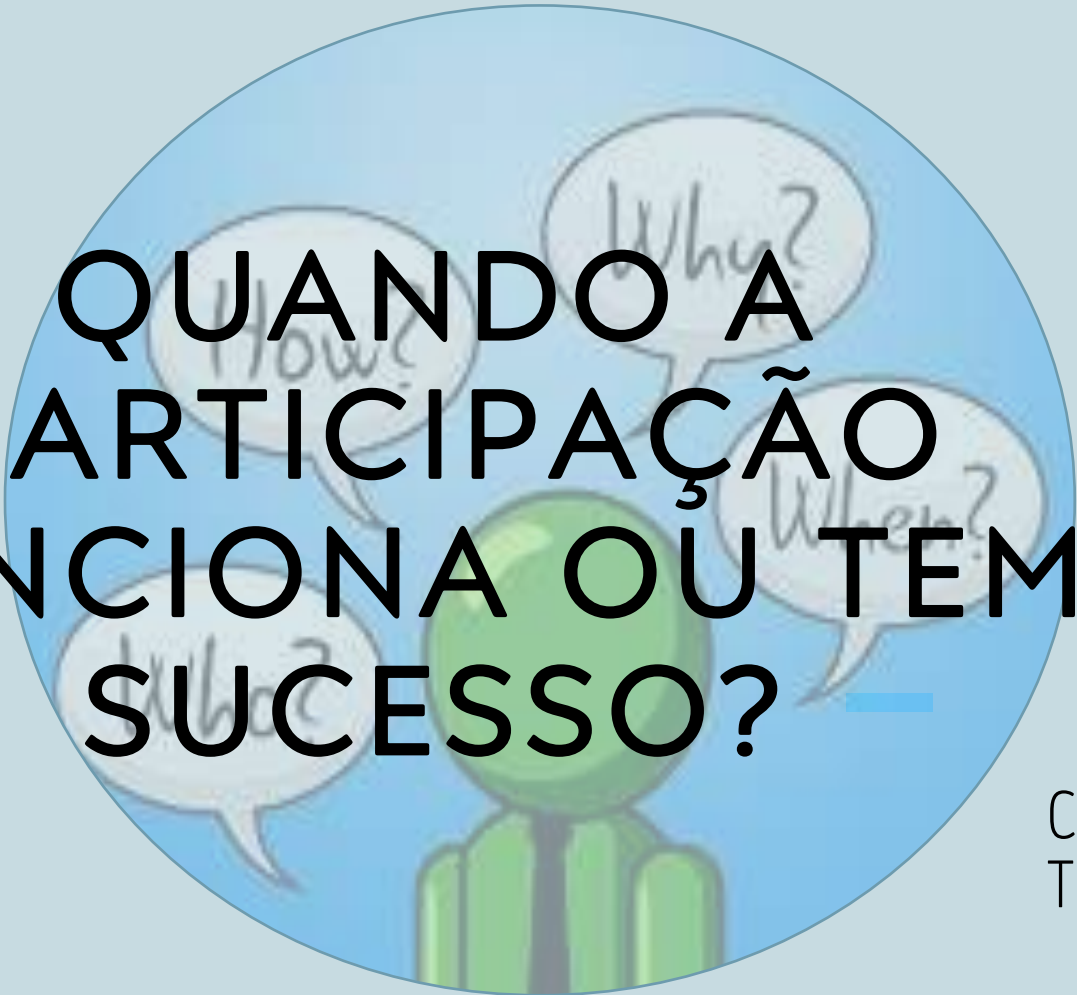
Recursos comuns em níveis
múltiplos: local,
regional/nacional e global

Solução em um nível pode
não ser a melhor para
outro (APs internacional e
nacional)

Muitas das terras que
sustentam a biodiversidade
estão sob reivindicações
múltiplas e concorrentes

Contexto histórico e local
influencia a trajetória
esperada do sistema (*path-
dependency*)

(Fonte: Berkes, 2007)



QUANDO A PARTICIPAÇÃO FUNCIONA OU TEM SUCESSO?

CONDIÇÕES PARA QUE
TENHA SUCESSO

QUANDO A PARTICIPAÇÃO FUNCIONA?

- FUNCIONAR SIGNIFICA DUPLO OBJETIVO: CONSERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO/QUALIDADE DE VIDA LOCAL
- MAS DEFINIÇÃO DE “CONSERVAÇÃO” VARIA.
 - Para comunidades: uso prudente dos recursos.
 - Para outros agentes: outros níveis e características de conservação
- PORCENTAGEM DE PROJETOS CBNRM TEVE SUCESSO (MENOS DE 30%? 15%)



CARACTERÍSTICAS QUE FAVORECEM O SUCESSO DA CONSERVAÇÃO COM PARTICIPAÇÃO: COMMUNITY-BASED CONSERVATION (BERKES, 2007)



Respostas integradas de governança que explicitamente se voltam aos objetivos múltiplos em múltiplos níveis (MA, 2005)

Por exemplo, não mais objetivo de exploração na taxa máxima sustentável de determinado recurso. (objetivo ecológico).



Existência de parcerias múltiplas (10 a 15) em níveis/escalas múltiplas:

ONGs, governos, pesquisadores, organizações internacionais)
Evidência dos projetos vencedores da Equator Initiative (Berkes, 2007)



Parceiros fornecem uma série de serviços: levantam fundos, capacitam, ajudam em contatos com mercado e propaganda, apoio jurídico.

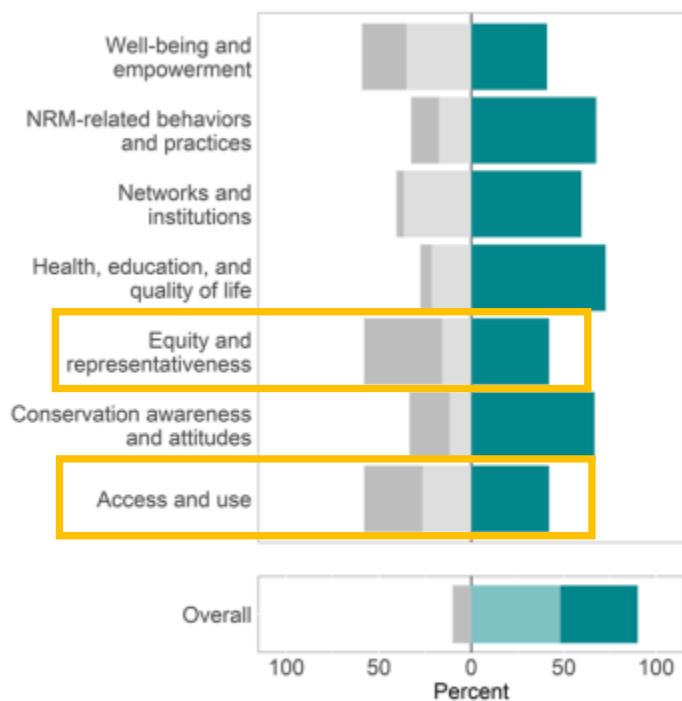


Engajamento em processos deliberativos sistemáticos: discussões coletivas, troca de visões para lidar com visões diversas sobre objetivos e sobre o que significa a relação pessoas e natureza.

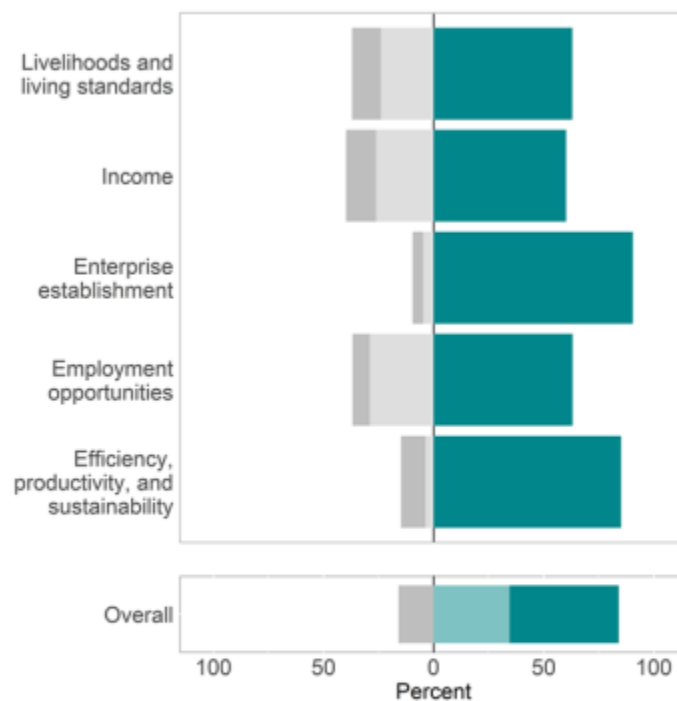
CARACTERÍSTICAS QUE FAVORECEM O SUCESSO DA CONSERVAÇÃO COM PARTICIPAÇÃO: COMMUNITY-BASED CONSERVATION

(FARISS ET AL, 2023)

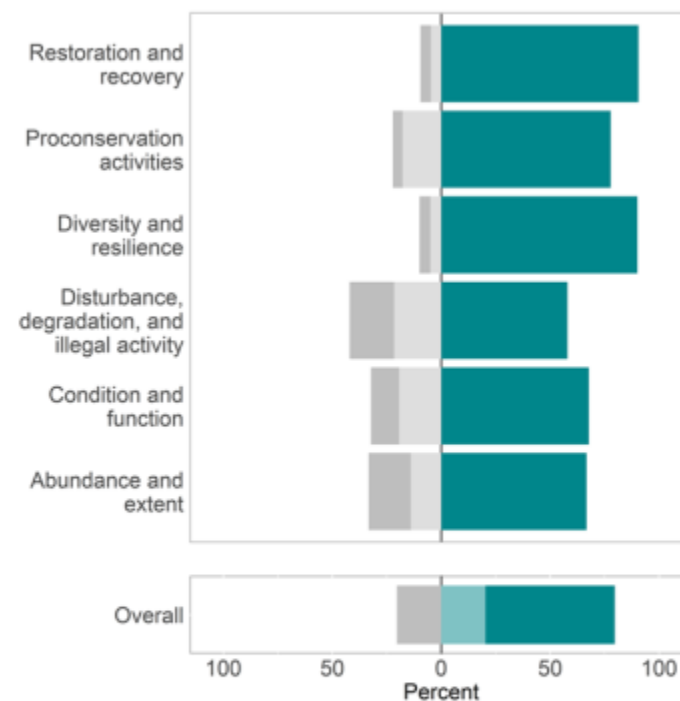
(a) Social outcomes ($n = 110$)



(b) Economic outcomes ($n = 113$)



(c) Environmental outcomes ($n = 128$)

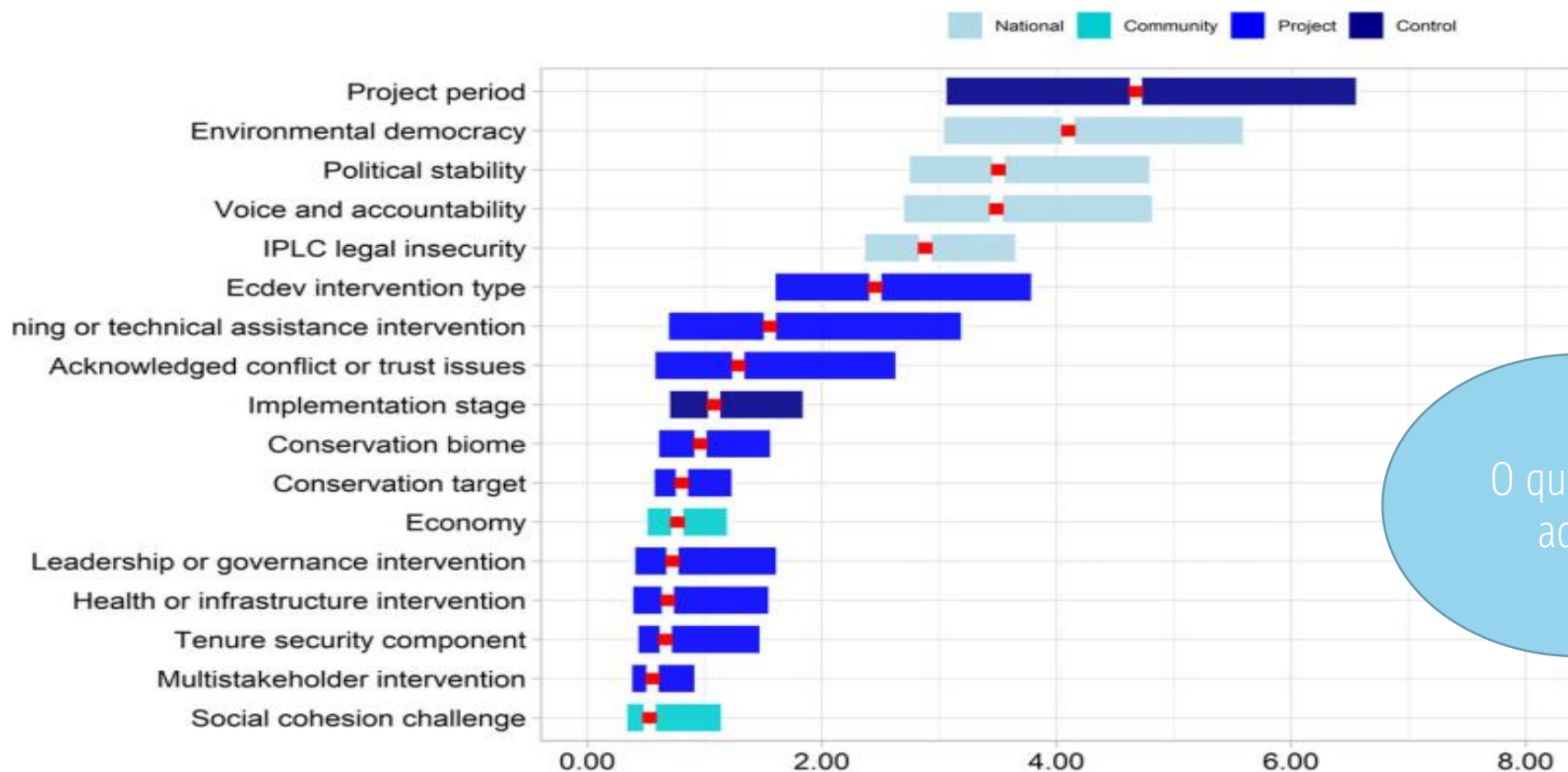


Indicator-level outcome legend: Negative Neutral Positive

Project-level outcome legend: Negative Mixed Positive

CARACTERÍSTICAS QUE FAVORECEM O SUCESSO DA CONSERVAÇÃO COM PARTICIPAÇÃO: COMMUNITY-BASED CONSERVATION

(FARISS ET AL, 2023)



O que falta aqui?

FIGURE 4 Bootstrap estimated ($B = 1000$) feature importance scores for explanatory variables of the random forest classification (RFC) model of combined success for community-based conservation projects (Figure 3d) (IPLC, Indigenous peoples and local communities; red symbol, bootstrap median; bar, 90% confidence interval defined by the 0.05 and 0.95 quantiles of the bootstrap distribution). Feature importance scores are relative, ranked from highest to lowest feature importance, and describe which variables are important to model prediction. Definitions, hypothesized effects, and a comparison of alternate feature importance measures are provided in Table 1 and Appendix S16

CRÍTICAS À PARTICIPAÇÃO



EM NOME DA PARTICIPAÇÃO.

..

PRETTY (1995)

1994). It is such a fashion that almost everyone says that participation is part of their work. This has created many paradoxes. The term “participation” has been used to justify the extension of control of the state as well as to build local capacity and self-reliance; it has been used to justify external decisions as well as to devolve power and decision making away from external agencies; it has been used for data collection as well as for interactive analysis. But “more often than not, people are asked or dragged into partaking in operations of no interest to them, in the very name of participation” (Rahnema, 1992, p. 116).



PARTICIPAÇÃO NÃO É UMA PANACEIA

- Tendência à eleição da panaceia da vez em Conservação; o “*blueprint*” da conservação (BERKES, 2007)
- Participação é panaceia, solução para os problemas de conservação em países em desenvolvimento
- Participação torna-se palavra da moda (*buzzword*) (CORNWALL, 2002; CORNWALL; BROCK, 2005)
- Exageram o papel das comunidades locais na gestão da conservação das florestas tropicais (BERKES, 2007)
- Simplista em categorizar como irracional não participar

CRÍTICAS À PARTICIPAÇÃO

(Cornwall, 2002)

Participação não é algo inerentemente democrático; depende do que ocorre de fato. Pode:

- Repassar recursos somente para realizar interesses da organização (e.g., ONGs ambientais)
- Servir a repassar encargos: trabalho ou responsabilidades às comunidades
- Ser utilizada por elites locais para reforçar próprio poder e privilégios.
- Servir a disciplinar ou “domesticar” o comportamento das pessoas do local.

Utilizada para legitimar projetos de agentes externos

Participação por convite levou à proliferação de instituições diversas (comitês, associações, etc): burocracia toma tempo das comunidades

A TIRANIA DA PARTICIPAÇÃO

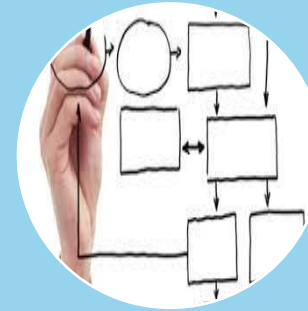
(COOKE; KOTHARI, 2001)



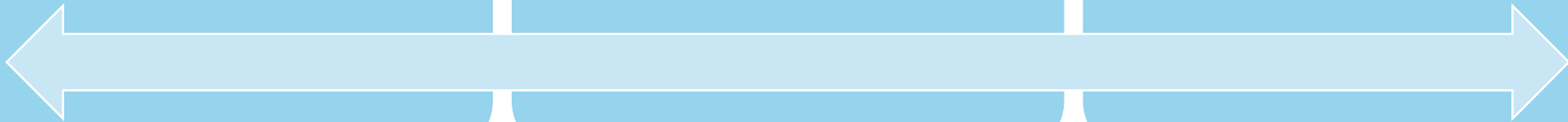
Tirania da tomada
de decisão e do
controle



Tirania do grupo



Tirania do método



A TIRANIA DA PARTICIPAÇÃO (COOKE; KOTHARI, 2001)

Tomada de decisão: (i) Participação ou inclusão excessiva nos processos de tomada de decisão pode levar à ineficiência e ineficácia. (ii) Pode ter impactos negativos (conflitos) ao fundir estrutura social com instituições para a participação (iii) Podem levar pessoas a tomarem decisões mais arriscadas do que tomariam sozinhas

Grupo: quando há uma expectativa de participação de todos os indivíduos, pode ocorrer o envolvimento de um número excessivo de pessoas que não permite tomar decisões e torna o processo confuso e demorado

Métodos: (i) Prioriza-se o método “correto” ao invés do objetivo. (ii) Métodos como PRA são públicos e, sendo assim, quanto mais participativos, mais a estrutura de poder estará mascarada.

Nos três casos:

Quando os processos de tomada de decisão se tornam excessivamente demorados e complexos

Confusão e dificuldades para chegar ao consenso

Maior tempo gasto pelas comunidades, piorando condições de vida

Pouco crítico

DIVISÃO TEXTOS: CONSERVAÇÃO COM PARTICIPAÇÃO

Pamela, Bruna

BERKES, Fikret. Community-based conservation in a globalized world. **Proceedings of the National academy of sciences**, v. 104, n. 39, p. 15188-15193, 2007.

Maria Júlia, Argos,
Derek

FARISS, Brandie et al. Catalyzing success in community-based conservation. **Conservation Biology**, v. 37, n. 1, p. e13973, 2023.

Jefferson, Henrique,
Rosângela

MATARRITA-CASCANTE, D.; SENE-HARPER, A.; RUYLE, L. A holistic framework for participatory conservation approaches. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 26, n. 6, p. 484-494, 2019.

Bruna, Zahia

REDMORE, L. et al. Which way forward? Past and new perspectives on community-based conservation in the Anthropocene. **Encyclopedia of the Anthropocene**, v. 3, p. 453-460, 2018.

REFERÊNCIAS

- BERKES, F. Community-Based Conservation in a Globalized World. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 104, n. 39, p. 15188-15193, 2007.
- BROWN, K; MACKENSEN, J.; ROSENDO, S., VISWANATHAN, K; CIMARRUSTI, L, FERNANDO, K, MORSELLO, C, MUCHAGATA, M; SIAISON, M., SINGH, S, et al. (2005) in **Ecosystems and Human Well-Being: Policy Responses** (Millennium Ecosystem Assessment and Island Press, Washington, DC), pp 425–465.
- CHAMBERS, R. **Rural development: Putting the last first**. Routledge, 2014. 1317869001.
- CORNWALL, A. Participation in development: tracks and traces. **Currents**, 28, p. 4-8, 2002.
- CORNWALL, A.; BROCK, K. Beyond buzzwords “poverty reduction”, “participation” and “empowerment” in development policy. UNRISD. Switzerland: United Nations: 24 p. 2005.
- FARISS, B.; DEMELLO, N.; POWLEN, K. A.; LATIMER, C. E. et al. Catalyzing success in community-based conservation. *Conservation Biology*, 37, n. 1, p. e13973, 2023.
- MATARRITA-CASCANTE, D.; SENE-HARPER, A.; RUYLE, L. A holistic framework for participatory conservation approaches. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 26, n. 6, p. 484-494, 2019.
- OSTROM, E. A general framework for analyzing sustainability of social-ecological systems. **Science**, 325, n. 5939, p. 419-422, 2009.
- PLUMMER, et al. sem data. Building Sustainable Communities; Disponível em: <https://ecampusontario.pressbooks.pub/bscmodule3/front-matter/introduction/> (Acesso: 25-05-2023).
- PRETTY, J. N. Participatory learning for sustainable development. **World Development**, 23, n. 8, p. 1247-1263, 1995.
- WEST, P.; IGOE, J.; BROCKINGTON, D. Parks and peoples: the social impact of protected areas. **Annual Review Anthropol.**, 35, p. 251-277, 2006.
- WESTERN, D.; Wright, M. **Natural Connections: Perspectives In Community-Based Conservation**. Island Press, 1994.